



Neamp

Entrevista-Mosaico: canção popular, literatura e política

Carlos Rogerio Duarte Barreiros*

Introdução breve à Entrevista-Mosaico

Partamos do seguinte pressuposto: o de que, de forma geral, a finalidade da entrevista publicada numa revista acadêmica como esta é a pretensão da objetividade – dá-se a voz ao entrevistado especialista no assunto que se pretende perscrutar, reproduzindo-lhe as palavras literalmente – associada a certa informalidade característica da fala, se a entrevista tiver sido gravada, em conversa, o que garantiria, de certa forma, algum *efeito de verdade*, dado pela resposta no calor da hora e do debate. Não se deixe de lado, ainda, que as características gerais da entrevista – o rumo que ela toma, os temas levantados, o bom-humor ou a sisudez, a extensão e complexidade das perguntas e das respostas –, tudo isso também diz respeito ao *entrevistador*. Talvez seja exatamente por esta característica que a entrevista figure nas revistas acadêmicas: a de que se confrontam e confinam, simultaneamente, diferenças e similitudes do *diálogo*, ao menos em entrevistas conduzidas abertamente, em que entrevistado e entrevistador se deixam provocar livremente, ao sabor da fala, fugindo eventualmente ao tema central porque é dele próprio essa fuga, e retornando a ele quando se faz necessário, pelo rigor acadêmico.

No já tão lido e relido “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”, Walter Benjamin afirma que

Mediante a ampliação da imprensa, que colocava sempre à disposição do público novos órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais, regionais, viu-se um número crescente de leitores – de início, ocasionalmente – desinteressar-se dos escritores. A coisa começou quando os jornais abriram suas colunas a um “correio dos leitores” e, daí em diante, inexistiu hoje em dia qualquer europeu, seja qual for a sua ocupação, que, em princípio, não tenha a garantia de uma tribuna para narrar a sua experiência profissional, expor suas queixas, publicar uma reportagem ou algum estudo do mesmo gênero. Entre o autor e o público, a diferença, portanto, está em vias de se tornar cada vez menos fundamental. Ela é apenas funcional e pode variar segundo as circunstâncias. (BENJAMIN, 1983, p.18)

* Doutorando em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e professor de literatura brasileira na Universidade Mackenzie.



Neamp

O alcance da análise de Walter Benjamin se estende até à primeira década do século XXI. Primeiramente, porque verifica que a imprensa – por mais que responda aos interesses dos acionistas dos grandes conglomerados de comunicação que se formaram ao longo do século XX (CHOMSKY; HERMAN, 2002) – abrindo “tribuna” aos leitores, acaba por relativizar os limites entre *autores e público*: rigorosamente o que ocorre, elevado à potência máxima, por meio de *blogs* e *sites* de relacionamento na internet, sobretudo quando utilizados para veiculação de obra artística. Em artigo publicado nesta mesma revista (BARIZON; BARREIROS, 2010), lembramos que, ao menos no plano da canção popular brasileira, há obras que são compostas, em maior ou menor medida, com a contribuição do público – da resposta imediata e intuitiva dada por ele a uma nova canção, executada ao vivo, a exemplos de autores que incluem em suas obras trechos enviados pelos fãs, depois de longos processos de seleção. Parece não restar dúvida, portanto, de que o processo criativo está, em alguma medida, menos distanciado do público – e de suas expectativas, quanto à forma ou ao conteúdo –, e que este público, respondendo de diversas maneiras à produção artística, acaba, de algum modo, interferindo no processo de criação.

O fenômeno descrito acima, e a própria descrição, certamente, não são novos, ao menos, por exemplo, no plano da literatura. Na *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido (1975), por exemplo, parte-se do pressuposto de que a *tradição literária* se constitui a partir de língua, temas e imagens (além de outros elementos), literariamente organizados e fixados nas obras que ligam escritores e público. Ao longo do tempo, este acaba sinalizando àqueles quais os elementos mais relevantes; igualmente, os próprios autores dialogam com outros, compondo a tradição literária, pela afirmação ou pela rejeição. Mais uma vez, o alcance da análise continua valendo para os dias de hoje, feitos os devidos ajustes nos meios de difusão das obras literárias: nos blogs de escritores, leitores opinam e registram impressões nos espaços destinados a comentários; esses espaços acabam tornando-se parte constituinte da *postagem* original, com os autores revendo suas posições ou insistindo nelas – compondo, por sua vez, textos de gênero híbrido, ainda por ser investigado a fundo. O mesmo Benjamin (1983, p.06) avisava que as técnicas de reprodução se impuseram como formas originais de arte:



Neamp

Com o advento do século XX, as técnicas de reprodução atingiram tal nível que, em decorrência, ficaram em condições não apenas de se dedicar a todas as obras de arte do passado e de modificar de modo bem profundo os seus meios de influência, mas de elas próprias se imporem, como formas originais de arte.

Não parece equivocado afirmar que a internet é um meio de veiculação de obras literárias e cancionais que, em si e por si, já interfere – para dizer o mínimo – na forma e no conteúdo das obras.

É preciso pôr em discussão, pois, e com bastante urgência – a título de provocação intelectual *necessária* a este tempo –, as relações entre a nova forma de veiculação de obras cancionais e literárias, de um lado, e seu conteúdo político, de outro. Expliquemo-nos: não faltaram prognósticos otimistas quanto às possibilidades de veiculação de obras ousadas esteticamente e politicamente, assim que se percebeu o acelerado barateamento das tecnologias de produção, gravação, mixagem e masterização das canções e a facilidade de publicação de textos em blogs ou em diferentes formatos de arquivos, com o recrudescimento de e-readers, como o Kindle. Em poucas palavras, esperava-se que o barateamento das tecnologias facilitasse a difusão da criação artística ousada, do ponto de vista estético, ou engajada, do ponto de vista político – fazendo prevalecer o valor estético intrínseco à obra de arte, e não seu potencial de mercado, dado pelo *valor de exibição* que Benjamin explicava no texto anteriormente citado.

Para analisar os exageros desse prognóstico – no que ele tem de excessivamente *otimista ou pessimista*, na falta de termos menos informais, ou mais decorosos academicamente (mas nos demos essa liberdade, afinal, estamos aqui circulando no gênero da entrevista, que admite, como já afirmamos, certa informalidade) – propusemos a escritores, compositores e produtores chamados de *independentes*, além de uma pesquisadora da Sociologia da Cultura e da Comunicação, especificamente da indústria fonográfica, o questionamento acima – sem, obrigatoriamente, apresentar-lhes toda a introdução *teórica* em que se sustentava a pergunta. Foram apresentadas, basicamente, três questões:

01. *Pode-se afirmar, no que diz respeito à produção literária e à produção musical independente no Brasil, no momento atual, que há engajamento político?* Trata-se de questão objetiva, que poderia ser respondida em pouquíssimas palavras. Talvez sejam essas as respostas que deixem entrever as impressões imediatas que têm



Neamp

os agentes diretamente envolvidos na produção artística a respeito do engajamento político na criação artística literária e cancional atual.

02. *É bastante comum a afirmação de que as gravadoras estão em crise. Com a possibilidade de produção e difusão de trabalhos independentes via internet, pode-se afirmar que abriu-se mais espaço para trabalhos de propostas mais ousadas do ponto de vista estético e político?* A finalidade da questão era clara: o prognóstico de que seria possível a veiculação de formas e conteúdos ousados politicamente era acertado? A questão guarda também um pressuposto – que não necessariamente precisava ser considerado verdadeiro: o de que “as gravadoras estão em crise”, afirmação que, se pode ser considerada verdadeira, não corresponde necessariamente à ampliação da difusão das obras de artistas que não estão ligados à máquina da indústria fonográfica ou editorial. Para os escritores ou editores, a questão sofreu uma pequena reformulação, mas mantinha-se, no geral, a mesma, deixando-se de lado o tema da “crise das gravadoras”: *Com a possibilidade de produção e difusão de trabalhos literários via internet, pode-se afirmar que abriu-se mais espaço para trabalhos de propostas mais ousadas do ponto de vista estético e político?*

03. *Como consequência da questão anterior: qual é a repercussão, junto ao grande público, de propostas estéticas ousadas do ponto de vista estético e político? O grande público consumidor está pronto para consumi-las? Ou essas propostas seguem consumidas por uma parcela ínfima do público?* Nesta questão, verifica-se as impressões dos entrevistados quanto à repercussão das obras – se as há – consideradas engajadas politicamente.

Embora a apresentação das mesmas perguntas a diferentes entrevistados não seja nova, optamos pelo título “Entrevista-Mosaico” inspirados na ideia de “mosaico de esquerdas”, com que tomamos contato na obra mais recente de Boaventura de Sousa Santos (2011). O lugar-comum, repetido à exaustão, de que as novas gerações não têm contra o que lutar soa, para dizer o mínimo, esvaziado, como se pode verificar nas mais recentes manifestações populares, especialmente de jovens, nos países da chamada periferia da Europa. Trata-se, como demonstra o autor português, de *apenas uma* forma de contestação, dentre muitas outras, sob a égide de que todas elas, cada uma em suas manifestações particulares, são lutas contra novas formas de colonialismo e contra a prática da “mercadorização” de setores em que a lógica de mercado não deveria valer.



Neamp

Nossa *Entrevista-Mosaico* seria, portanto, mais uma manifestação – agora circunscrita ao ambiente da publicação acadêmica – daquele “mosaico de esquerdas” de que fala Boaventura de Sousa Santos: demos voz a artistas, produtores e pesquisadores da canção popular e da literatura, todos eles ligados, em alguma medida, ao universo que está para além – ou para aquém, dependendo do ponto de vista – da lógica da indústria fonográfica ou editorial. Tomamos a liberdade de não entrevistar nenhum artista ou produtor de sucesso entre o grande público, não porque não lhes quisemos dar voz, mas porque nos parece que as ideologias das grandes gravadoras e grandes editoras não só já estão suficientemente veiculadas, como também poderiam, promovendo-se aqui, “mercadorizar” este espaço – cuja proposta é *reflexiva* por excelência, fugindo, em alguma medida, à lógica do mercado.

Resta dizer que, por questões de espaço e tempo, só nos restou a alternativa de enviar e receber as perguntas por email – o que, por si só, já suprime às entrevistas o tom da informalidade que as caracteriza quando são presenciais. Mas pareceu-nos a entrevista por email a opção mais acertada, na medida em que privilegiava a multiplicidade das vozes e dos pontos de vista. Não havia limites para a extensão das respostas, por isso o leitor perceberá diferenças – houve entrevistados extremamente concisos, da mesma forma que houve outros que se estenderam nas respostas, tudo conspirando, mais uma vez, acreditamos, para a ampliação do cabedal que se constitui por meio de diversas vozes, nestas entrevistas.

Finalmente, segue abaixo a apresentação de cada um dos entrevistados, preparada pelo autor da entrevista. A seguir a resposta de cada um deles a cada uma das questões.

Alex Castro é escritor, mas aprendeu a “não mais atrelar meu ego ao meu trabalho” e acredita que “ser artista independe de fazer arte, assim como ser romancista independe de escrever romances. Ser artista é uma vocação dos sentidos, uma inclinação à contemplação”. Quando concluiu o romance *Mulher de um Homem Só*, abriu um blog em que disponibilizou o livro para download, em julho de 2002. Quatro anos depois, o arquivo tinha sido baixado cerca de trinta mil vezes.

Clemente Nascimento foi um dos fundadores e principal porta-voz do movimento punk no Brasil, na década de 80. Consagrou-se como líder da banda paulistana Inocentes, de letras de conteúdo contestatório, especialmente “Pânico em



Neamp

SP”. Os Inocentes foram a primeira banda punk brasileira a lançar, naquela década, um disco com um grande gravadora – e mantêm a carreira ativa até hoje. Clemente também é guitarrista da banda Plebe Rude e diretor artístico do site Showlivre.com.

Diogo Soares é letrista e vocalista da banda Los Porongas, do Acre, que vem obtendo sucesso no chamado meio independente da canção brasileira. Foi um dos organizadores do Festival Varadouro, de música independente, em Rio Branco, no Acre. Atualmente, Diogo e os outros integrantes dos Los Porongas transferiram-se para São Paulo, onde seguem carreira. O primeiro disco da banda, *Los Porongas*, produzido por Phillipe Seabra, da banda Plebe Rude, foi eleito pela Revista Rolling Stone Brasil um dos melhores do ano de 2007; o segundo, lançado em 2010, *O segundo depois do silêncio*, vem alcançando tantos elogios quanto o primeiro.

Marcelo Barbão é escritor, fotógrafo, músico e tradutor. Atualmente, mora em Buenos Aires, de onde leva adiante, dentre outros trabalhos, todos relacionados à literatura e à escrita, a Amauta Editorial (amautaeditorial.wordpress.com), a Revista Outros Ares (outrosares.wordpress.com) e sua própria obra literária.

Márcia Tosta Dias é doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é Professora da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Dedicar-se especialmente à Sociologia da Cultura e da Comunicação, atuando nos seguintes temas: indústria fonográfica, indústria cultural e mundialização da cultura. É atualmente a Chefe do Departamento de Ciências Sociais da EFLCH/ UNIFESP.

Rodrigo Carneiro é jornalista e cantor. Trabalhou nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, nas revistas Bravo!, Simples e Rolling Stone Brasil, além de ter sido editor-chefe do site Showlivre.com por seis anos. É curador do projeto *Ecos Musicais* do SESC Osasco. É vocalista da banda Mickey Junkies, que marcou época na década de noventa, em São Paulo, antes do *boom* atual das bandas independentes.

Tiago Barizon é músico, DJ, produtor e comunicador, diretor da Identidade Musical, produtora de bandas independentes, e do selo independente Baritone Records. De forma independente, fomentou e produziu pequenos shows e eventos multi-culturais, como o Place2Go, voltado para o Hip-Hop, que contou com a presença do rapper francês Pyroman, dos DJs King e Tahira, do grafiteiro Juneca, do MC Max BO, além da equipe de B-Boys de Marcelinho Back Spin. Em 2006 profissionalizou seu



Neamp

trabalho com a abertura da Identidade Musical, agência e produtora que atende artistas e clientes corporativos interessados no mercado musical.

Zeca Viana é, sobretudo, compositor de experiência multi-instrumental influenciado por cultura pop, filosofia (estética), desenhos animados, psicodelia, anos 80 e várias formas de arte como pintura e vídeo-arte. Lançou o álbum *Seres Invisíveis* em 2009, apenas virtualmente, e obteve larga repercussão na mídia independente: o trabalho foi escolhido como um dos mais relevantes daquele ano pela equipe do site TramaVirtual, além de figurar entre os dez melhores discos brasileiros em uma seleção realizada por 21 jornalistas e produtores de todo Brasil.



Neamp

Primeira pergunta

Pode-se dizer, no que diz respeito à produção cancional ou literária brasileira, no momento atual, que há composições engajadas politicamente? Quais? Como você vê isso?

Alex Castro: Sempre há composições engajadas politicamente. Não seria possível não haver. Até mesmo quando o autor se acha apolítico e "contra-isso-tudo-que-tá-aí", essa própria postura já é uma forma de engajamento político.

Clemente Nascimento: Difícil de responder isso, pois não dá para definir a cena independente como um grupo coeso e com uma postura política definida, pois os interesses que envolvem a produção independente são os mais diversos possíveis, até como trampolim para uma carreira comercial normal, por isso esse engajamento político é muito pessoal: varia de pessoa para pessoa, de banda para banda, não dá para definir como postura de um determinado grupo.

Diogo Soares: Pelo que ouço não consigo perceber algum engajamento político declarado, com raríssimas exceções, como no caso do Curumin, que faz uma [canção intitulada] "Caixa Preta", dura crítica às engrenagens da mídia no Brasil. Sem falar obviamente do rap, que tem no discurso engajado sua maior força. Acredito que a pós-modernidade também tem seus efeitos sobre as letras das canções dos artistas independentes. Acho que a liquidez do tempo parece levar os compositores para os temas mais íntimos e, numa última instância, para os temas que abordam as incertezas dessa era.

Marcelo Barbão: Antes de tudo, preciso afirmar que morando no exterior, não tenho tanto acesso à produção brasileira contemporânea quanto antes. Mas não vejo nenhum engajamento político na literatura brasileira, nem em nenhuma outra. É possível que vivamos agora um período pós-utopia depois de queda do Muro e todas as mudanças políticas que ocorreram no final do século XX. Esse "fim das utopias" afetou bastante a



Neamp

literatura com um choque realista profundo. Mesmo a literatura feita pela periferia, um fenômeno positivo no Brasil, não é engajada.

Márcia Tosta Dias: Uma resposta rigorosa a essa pergunta demandaria buscar referências num inventário mínimo da produção musical independente atual, de que não disponho. No entanto, um olhar um pouco mais atento para o panorama pode identificar importantes produções que se posicionam a partir do que conhecemos historicamente como “conteúdos e formas politicamente engajados”. A diferença é que, atualmente, eles não integram movimentos culturais em que o engajamento é o objeto, uma tomada de posição frente a uma situação social dada como plataforma seguida por vários setores da arte e da cultura em geral. A produção se encontra dispersa, fragmentada, presente em parcelas desses setores e, no caso da música, em estilos musicais específicos como vemos no hip hop (com mais frequência), e em produções ligadas ao rock e à música popular. Assim, é mais rara a existência de artistas que orientam toda a sua produção para o engajamento – parece mais frequente a ocorrência de *momentos* deste – bem como não se pode associar diretamente a chamada produção independente a posturas consideradas engajadas. A razão é a de que estão totalmente enevoadas as fronteiras estéticas existentes entre o independente e o instituído, entre o underground e o mainstream.

Rodrigo Carneiro: Creio que sim. Isso se formos partir do pressuposto de que tudo é política. A dedicação a um projeto artístico é um senhor engajamento.

Tiago Barizon: Elas sempre existiram, e ainda estão por aí hoje, mas existe uma onda muito forte de bom-mocismo e do que é politicamente correto na música. Essas composições acabam circulando somente em nichos específicos, que já tem um histórico de crítica social e política, como o rap e o punk. A música massiva fugiu completamente desses temas, seja por parte do público achar que é coisa de "cabeçudo", seja por medo de represálias como a que Tonho Croco sofreu recentemente (Cf. no link: <http://oglobo.globo.com/megazine/mat/2011/08/03/tonho-crocco-processado-por-causa-de-rap-que-faz-protesto-politico-isso-censura-diz-ele-925054492.asp>).



Neamp

Zeca Viana: Acho que a forma de abordagem política não é tão direta quanto nos anos 60, pelo menos nas obras e discos com que tenho tido contato no meio independente. A forma de "engajamento" está mais nas entrelinhas hoje em dia. Agora, no meio de produção e circulação de pessoas a politicagem (partidária e não partidária) existe como estruturadora de relações, o "toma lá, dá cá", a "política da boa vizinhança" e a falta de coragem por parte da classe artística de romper barreiras estéticas em prol de uma música brasileira de fato, crua e intensa, sem tapinhas nas costas.

Segunda pergunta

Para os compositores de canções: É bastante comum a afirmação de que as gravadoras estão em crise. Com a possibilidade de produção e difusão de trabalhos independentes via internet, pode-se afirmar que abriu-se mais espaço para trabalhos de propostas mais ousadas do ponto de vista estético e político?

Para os escritores: Com a possibilidade de produção e difusão de trabalhos literários via internet, pode-se afirmar que abriu-se mais espaço para trabalhos de propostas mais ousadas do ponto de vista estético e político?

Alex Castro: Sim. Com certeza. Eu hoje ganho dinheiro com livros independentes de um modo que não seria possível, cinco anos atrás, o que me permite uma independência de produção que também não seria possível.

Clemente Nascimento: Pode se dizer que sim, mas os artistas que têm uma proposta mais ousada sempre viveram à margem da grande indústria, essa crise não os afeta e a internet é mais uma ferramenta a serviço dessa ousadia. Já os artistas que sempre dependeram do esquema viciado da indústria fonográfica, estes estão tento que inventar um novo tipo de relação entre indústria, artistas e mídia. Na verdade nunca se viveu uma época tão promissora para artistas independentes.

Diogo Soares: O modelo das grandes gravadoras está mesmo ruindo. O que está acontecendo com elas é exatamente o que a indústria do cinema não quer que aconteça com ela própria e por isso a avalanche de ações judiciais da indústria do entretenimento



Neamp

contra milhares de pessoas por todo o mundo. E tudo isso, sim, tem a ver com o efeito Napster. A internet trouxe novas possibilidades para o mercado fonográfico, assim como mais liberdade para quem cria. Neste sentido, a internet em si já é um “novo espaço”. Hoje um artista pode gravar um disco em casa, subir para a rede, ficar conhecido, interagir com os fãs pelo Facebook e Twitter e passar a fazer shows, sem a necessidade de um intermediário. Contudo, acredito que a ausência desse atravessador, que muitas vezes direcionava a linha de criação, trouxe uma liberdade tão grande quanto a incerteza do sucesso de público ou do retorno financeiro. O espaço virtual é tão volátil e relativo que dificilmente se pode determinar sua correspondência no mundo real. Mas, sim, ele possibilita maior autonomia criativa e de divulgação, o que é ótimo, pois ninguém melhor que o próprio artista para saber suas necessidades frente ao mercado.

Marcelo Barbão: Infelizmente, não. Acho que a Internet ainda não é vista como um espaço de produção, somente de difusão de literatura. E, apesar de alguns escritores continuarem uma busca por mudanças estéticas na produção literária, há muita confusão sobre como fazer isso. Parece que estamos vivendo um período “entre movimentos estéticos”. Ninguém sabe (nem eu) o que fazer depois de todos os vanguardismos do século XX. Inclusive é possível ouvir: “tudo já foi feito” da boca de bons escritores.

Rodrigo Carneiro: A indústria perdeu-se na crise, mas a música não. Nunca se ouviu tanta música quanto agora, e a produção musical está, de fato, ao alcance de todos. Há espaço para propostas ousadas e a real possibilidade de que tais propostas se relacionem diretamente com seus públicos específicos. Isso já acontecia, em menor escala, é certo, no período pré-internet, mas o que se assiste hoje é uma agilidade muitíssimo maior nesta relação.

Tiago Barizon: Sem dúvida isso é um fato, e já não é de hoje que a possibilidade de produções caseiras ou de baixo custo estão proporcionando que trabalhos experimentais sejam mais divulgados. Acho somente que isso não tem ligação com a crise pela qual as gravadoras estão passando. O que temos é mais acesso e mais possibilidades de tomar contato com essas experiências com a ampliação das redes sociais, dos portais musicais, dos blogs e sites especializados.



Neamp

Zeca Viana: Acredito que seja uma faca de dois gumes. A liberdade artística e política na música é muito importante e ajuda a dar vazão a grandes discos, porém sem a rede de contatos e investimentos de uma gravadora essa obra pode ficar perdida e alcançar um número muito pequeno de ouvintes. Ou ainda pior, pode se tornar tão deslocada de uma plataforma que nivela a arte “por baixo” (de olho em um mercado decadente) que, de uma certa forma, prejudica muito a circulação do artista. Hoje vemos que existem selos importantes que fazem papel de gravadora, com bons estúdios, mas o artista que mesmo assim não se enquadra em um formato estético, não é amigo do dono ou não entra no jogo da politicagem cultural vai continuar sempre produzindo de forma praticamente clandestina.

Terceira Pergunta

Como consequência da questão anterior: qual é a repercussão, junto ao grande público, de propostas estéticas ousadas do ponto de vista estético e político? O grande público consumidor está pronto para consumi-las? Ou essas propostas seguem consumidas por uma parcela ínfima do público?

Alex Castro: Difícil responder. O público consumidor não está nunca pronto pra nada. Ele é como o paladar, tem que ser treinado. Ninguém nasce gostando de comida boa. Cabe aos artistas ir educando o público para consumir arte de maior qualidade. É um trabalho de séculos.

Clemente Nascimento: Tudo é muito relativo, uma proposta estética ousada pode ser, ao mesmo tempo, comercialmente viável e popular, essa parcela ínfima de público funciona como uma espécie de avalista, agente regulador, o sucesso entre esse pequeno grupo pode impulsionar uma proposta que parecia muito ousada em um determinado momento, mas o sucesso nessa parcela de público não é determinante, conhecemos tantos artistas sobre os quais depositamos nossas expectativas, mas eles não conseguem atingir ao grande público, mesmo quando conseguem uma grande exposição na mídia, isso envolve carisma e empatia.



Neamp

Diogo Soares: O grande público quer entretenimento. Essa é a regra da cultura de massa no ocidente. Vez ou outra, quem corre “por fora da manada”, para usar uma expressão de Jimmy Page no documentário *A todo volume* atinge o grande público. Ou seja, é mais fácil Jesus Cristo voltar à Terra do que propostas estéticas inovadoras ou politicamente engajadas toquem nos melhores horários das grandes rádios no Brasil, falando do nosso país. Mas acredito que a nova geração de músicos está protagonizando uma revolução que só não é silenciosa porque tem nas canções e nos shows sua maior força. Da mesma maneira que o *establishment* quer mais do mesmo, pela simples garantia da sustentabilidade do lucro, as pessoas que estão cansadas do que a Som Livre empurra como bom; existe o YouTube para conhecerem novos artistas. O processo é lento, mas intenso e irrigado. Acredito mesmo que as sementes demoram a brotar, mas quando vingam se estabelecem.

Marcelo Barbão: Acho que propostas estéticas sempre serão um nicho. As pessoas são sempre tão diferentes que chegar a um “grande público” (e não só em literatura, mas em todo tipo de arte) significa reduzir a proposta a um mínimo múltiplo comum que significa uma diluição a algo que “todos vão gostar”. Se um escritor decide seguir o caminho da ousadia estética e política, deve ter claro isso, inclusive para evitar frustrações.

Márcia Tosta Dias: Seguindo o raciocínio da resposta anterior: de fato, as transformações trazidas pelas tecnologias digitais aproximaram os artistas da produção dos registros fonográficos de suas obras e, assim, eliminaram várias barreiras, conquistando inclusive formas diferenciadas de aproximação com o seu público, o já existente e o potencial. A barreira mais rigorosa e politicamente importante cuja quebra está em construção, diz respeito ao crivo estético, podemos dizer também *censura estética*, que as grandes gravadoras sempre exerceram quando escolhiam determinados produtos para comporem o seu repertório de registros fonográficos. Ao escolherem tal repertório colocavam em andamento uma ampla cadeia de relações econômicas, culturais, políticas e outras, de ordem subjetiva, de difícil identificação. Essa prerrogativa felizmente se desfaz, ainda que lentamente; seu impacto imediato é o



Neamp

econômico, mas seus efeitos, na minha opinião, serão vistos a médio e longo prazo e diz respeito às chances de renovação estética da música que ainda tem seu desenvolvimento majoritariamente orientado pelos padrões desenvolvidos na era do disco. O gosto musical e, conseqüentemente, as possibilidades de aceitação de produções musicais geradas a partir de esquemas inovadores, podem ser ainda muito limitados, mas precisam ser construídos cultural e socialmente. As condições para que isso venha a ocorrer estão sendo plantadas de maneira fértil, assim como o reposicionamento da música para além da esfera do lazer e diversão, retomando seu lugar de forma cultural que traduz o entendimento da sociedade sobre a sua própria existência, recuperando conseqüentemente a sua dimensão política.

Rodrigo Carneiro: Não sei se está pronto ou se um dia estará. A comunicação com o público faz parte do desejo tanto de quem se mete a propor estéticas ousadas ou daqueles que têm aspirações pop, digamos, óbvias. Mas acredito que é salutar que os personagens do primeiro grupo tenham a consciência de que ousadia não é uma característica muito bem vista pelo mercado comum. O que é sucesso de grande público hoje – e sempre – é sintoma do que eu estou falando. A questão é descobrir a fórmula “mágica” da sedução das massas com algo de relevância artística, de rigor estético. Uma questão que se apresenta aos artistas desde a invenção da moeda.

Tiago Barizon: Eu não vejo nem mesmo a possibilidade de que tais propostas, em curto prazo, sejam consumidas pela massa. Estéticas ousadas nunca foram aceitas pela massa, não vejo motivo para serem agora. O fato de que as grandes gravadoras não estejam mais com a mesma força de antigamente não quer dizer que a proposta estética que ficou de herança não seja mais aceita. Ao menos no Brasil, em que a mídia não é tão segmentada como EUA e Europa, e onde a imprensa musical é tão pouco representativa, promover uma mudança no consumo é um trabalho que ainda vai exigir muito esforço.

Zeca Viana: Sem o investimento de uma gravadora, essas propostas parecem póstumas mesmo na data do seu lançamento por não ter a oportunidade de um investimento comercial, além do padrão estético comparativo estar se empobrecendo com tantas bandas sugando até o osso determinados artistas que tiveram êxito comercial anterior



Neamp

como, por exemplo, Los Hermanos. A diversidade e a qualidade do que se construiu ao longo dos anos na música brasileira é quase sempre ignorada pela TV, rádio, etc., e assim também, pelo grande público. A grande maioria do que se produz atualmente no Brasil está boiando na superfície do óbvio; acredito que se artistas como Walter Franco e Tom Zé estivessem começando suas carreiras hoje em dia, provavelmente, estariam fazendo outra coisa para sobreviver.

BIBLIOGRAFIA

BARIZON, Tiago; BARREIROS, Carlos R.D. “Reflexões livres acerca da nova canção popular independente”. In: **Revista Aurora**. São Paulo, Vol.08, 170p., 2010.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. In: **Textos Escolhidos**. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Trad. José Lino Grünnewald et al. 2ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os Pensadores

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. **Manufacturing Consent: the Political Economy of the Mass Media**. New York: Pantheon Books, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Portugal: ensaio contra a autoflagelação**. Almedina: Coimbra, 2011.